



BOM JESUS DO MONTE -- A menina Elsa Chaim junto á gruta

(Cliché do distincto phot. am. sr. Augusto Chaim Junior)

PROPRIETARIO

*Joaquim Antonio Pereira Villela.*

DIRECTOR

*Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.*

EDITOR

*Antonio José de Carvalho.*

ADMINISTRADOR

*Clemente de Campos A. Peixoto.*

## Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de  
informação graphica

Redacção, administração e typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
BRAGA

### CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . . .	2\$400
» » (6 mezes) . . .	1\$200
» » (3 mezes) . . .	600
Estrangeiro (1 anno) . . . . .	3\$000
» (6 mezes) . . . . .	1\$500
Sendo a cobrança feita pelo correio, acresce o importe das despesas.	
Numero avulso . . . . .	60

CANDIDO BACELLAR  
medico e jornalista

"Manual de Hygiene e  
Therapeutica

PERANTE A

**OBSTETRICIA E A PEDIATRIA,,**  
ou Cuidados medicos e familiares  
com as mães

(Antes, durante e depois do parto)

Soccorros ás creanças

**Conselhos ás noivas e  
assistencia ás familias**

PREFACIANTES: *Ex.<sup>mos</sup> Drs. Gaspar  
Fernando de Macedo e D. Leonor  
Amelia da Silva.*

A' venda na Livraria Escolar  
de Cruz & C.<sup>a</sup>, de Braga, e nas  
mais livrarias do paiz.

BRAGA

Succursal do Grande Hotel Maia  
das Caldas do Gerez

Campo de D. Luiz I  
e R. dos Capellistas

BRAGA

**GRANDE HOTEL MAIA**

Muito asseio.

Independencias  
para familias.

Serviço especial de dieta para  
pessoas vindas de Caldellas e Gerez.

Modo de ajudar á missa

Destinada ás catecheses  
da Doutrina Christã

Acaba de publicar-se este folheto,  
cujo preço é de 20 réis.

Vende-se na administração da «Il-  
lustração Catholica».

# Collegio Lyceu Portuguez

HUY (BELGIQUE)

DIRECTOR—José Luiz Mendes Pinheiro

Situação magnifica. — Educação moderna.

—Instrucção primaria e secundaria completas.

—Preparação para as universidades belgas.

—Professores de diversas nacionalidades para  
o ensino das linguas.

Este collegio veio substituir o antigo Collegio Lyceu Figueirense, da Figueira da Foz. N'elle encontram os alumnos as vantagens d'uma educação moderna, n'um dos paizes mais avançados da Europa, sem augmento de despesa.

Viagens e todas as despesas por conta do Collegio, mediante o pagamento d'uma annuidade fixa, cuja importancia não é superior ao total das despesas a pagar em collegios portuguezes.

Pedir prospectos ao director.



# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica



Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela.

Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

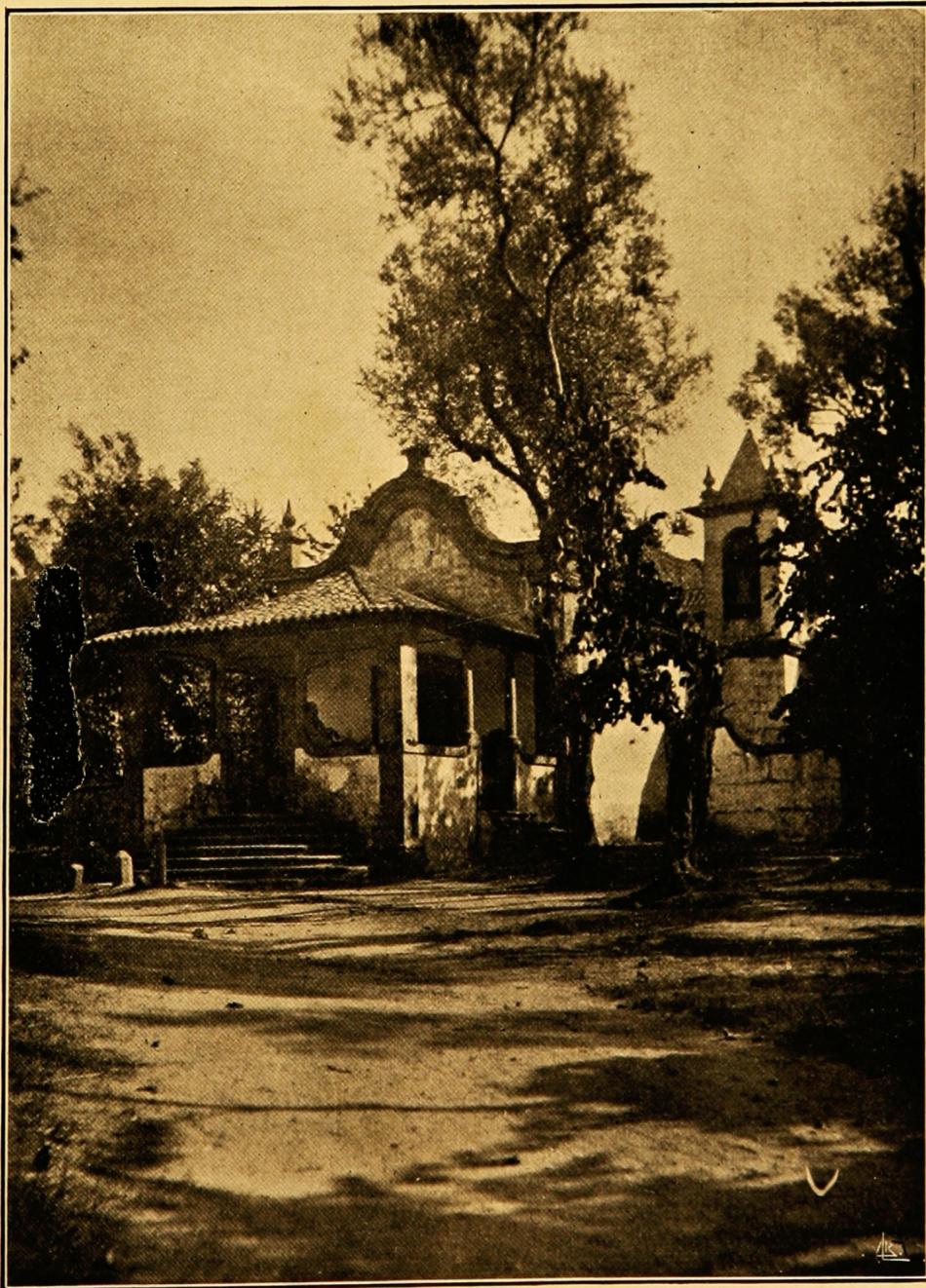
ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 22 de novembro de 1913

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
(Antiga R. da Rainha—Braga)

Numero 21 — Anno I



GUIMARÃES—Capella de Nossa Senhora da Conceição

(Cliché do phot. am. sr. Luiz do Souto)

**P**ORQUE é já conhecido dos leitores o resultado do ultimo acto eleitoral e porque não compete ao chronista o relato de taes acontecimentos, não diz esta chronica, mais do que o reconhecimento do facto consummado, embora sintamos profundamente não possuímos linguagem empolada e resoante com que dirijamos ao governo a saudação merecida a quem... vence as eleições.

A eterna farça! Nas provincias do norte circuitos houve em que o antigo regenerador pedinchou lamurioso para o evolucionismo e o progressista— sempre obsessão do progresso, é claro!— substituiu a côr da gravata e collocou, na galeria dos manes partidarios, o snr. Affonso Costa ao lado de Anselmo Braancamp.

E' muito possivel que o velho, o archaico Fontes não ature a comparação, ao contrario do que terá succedido com Mariano de Carvalho que gargarhará da pilheria, procurando embalde o celebre estadulho!...

A psychologia do eleitorado já está feita de ha muito. Revelou-se desde que a ambição subiu empavezada os degraus do poder e a politica se tornou n'aquella grande porca de seios turgidos, como o saudoso lapis de Raphael a definiu. O *nihil sub sole novum* é a grande verificação politica. Quem rebuscar pacientemente nas campanhas eleitoraes de todos os tempos, quer os *meneurs* se chamem Gracho e Druso, quer Hintze e José Luciano, quer Antonio José d'Almeida e Affonso Costa, encontrará a mesma phraseologia indignada, as mesmas insinuações ridiculas, as mesmas apostrophes e as mesmas accusações, com sensível variante de circumstancias de momento. O *á urna* sempre se escreveu com as mesmas letras, na mesma occasião e com o mesmo significado.

O unico caso de admirar é o apparecimento de listas independentes á bocca das urnas propiciando o suffragio! Independentes!

Em politica tudo se comprehende e tudo se explica, menos a chamada independência. O independente é o zero, o anonymato; conta-se sempre á esquerda, nada vale. A independência representa inalteravelmente, não o proposito de moralisar pelo equilibrio, mas a inveja, o despeito ou o commodismo espreitando as oscillações da balança para d'ellas tirar proveito. E' a espada de Brenno do interesse.

Quem entra na politica aceita-lhe todas as satisfações e todas as desgraças, todos os defeitos e todas as commodidades. Immiscuir-se alguém na batalha, a titulo de *touriste*, é calvo erro que não se admite.

De resto... o Terreiro do Paço continúa sendo o laboratorio da redempção nacional. Hoje, como hontem, a onda de ociosos lhe passeia as arcadas. No reinado de D. Maria I já assim o descrevia

Beckford n'uma das suas cartas: «o Terreiro do Paço, por onde seguimos caminho, estava cheio de ociosos de todas as classes e sexos, pasmados para as vidraças illuminadas do palacio, na esperança de vêr, n'um relance, a sombra momentanea de sua majestade, do principe, do confessor ou das damas, escoando-se d'um para outro aposento.»

A majestade hoje é outra, cremos que os principes e as damas desapareceram, e é provavel que o confessor ande por terras de exilio roendo as codeas do repasto: mas a pasmaceira conservou o antigo ar attonito e a quintilha de Tolentino evoca ainda com certa propriedade aquelles

«acerrimos jarretas  
argumentando em gazetas.»

Que muito, pois, que ha dias, n'um wagon de caminho de ferro, ouvíssemos um candidato (é escusado informar que foi eleito!) commentar d'esta forma um retumbante artigo de fundo d'um jornal do governo em que se verberavam afflictivamente as tranquibernias eleiçãoeiras manipuladas em certo circulo transmontano:

—Que se roubem votos aos monarchicos, é justo: mas que se subtraíam aos republicanos, acho indecente!...

*Sut me lusistis. Ludite nunc alios!*

F. V.

## APARTAÇÃO



*Emfim, de nada vale o fingimento.  
Não és, não sou, não somos já creanças:  
Canço d'ouvir-te, de escutar-me canças,  
E assim, vivemos ambos num tormento.*

*Diversos rumos vão nossas esp'ranças,  
Vae desunido o nosso pensamento;  
Mas, tinha que chegar este momento,  
Porque esta vida é feita de mudanças.*

*Não encontramos na amorosa taça,  
Quasi exgotada, mel que satisfaça?  
Quebre-mo-la e termine-se o festim.*

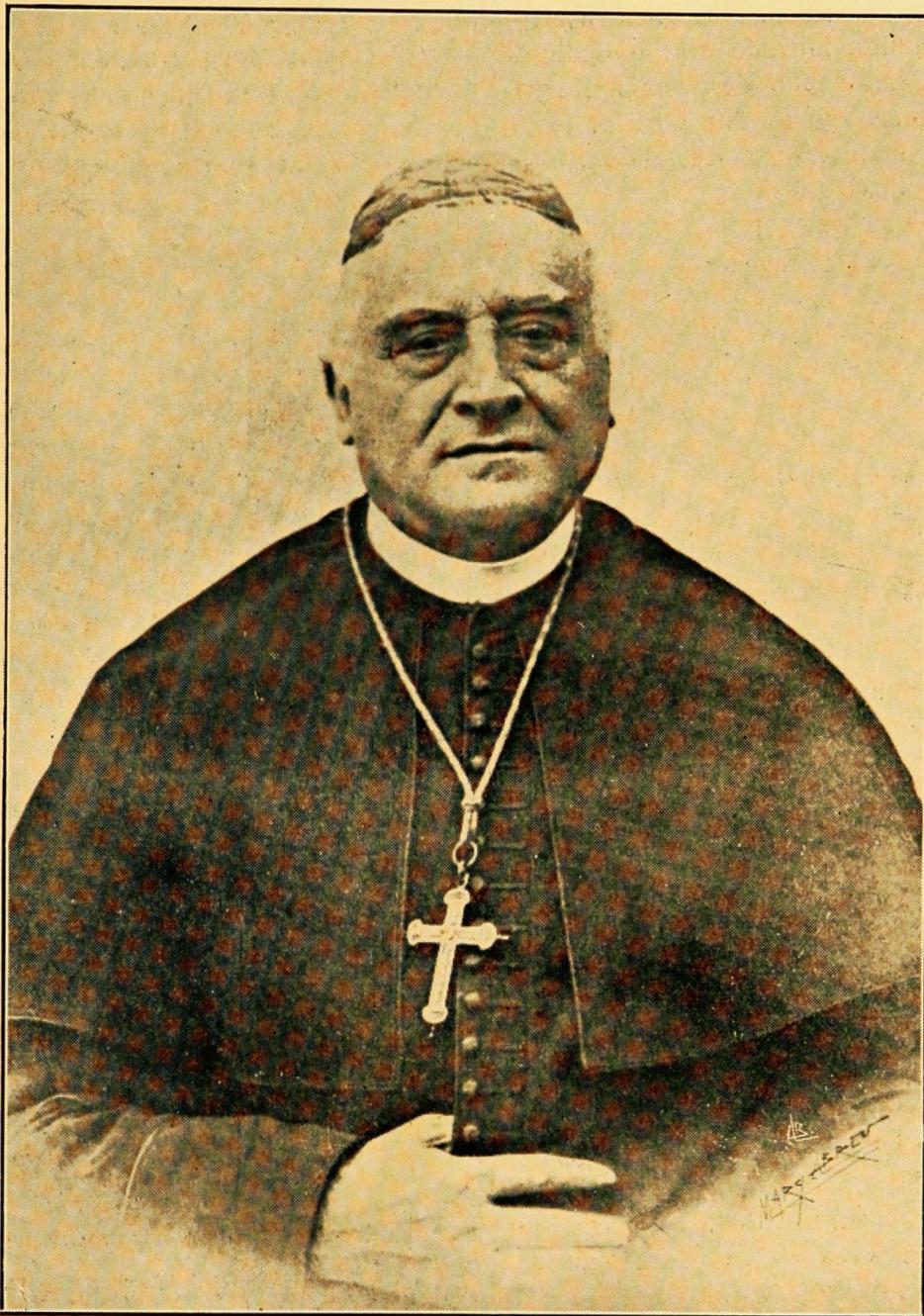
*Não temos um do outro amargos queixas.  
Levas saudades? pois saudades deixas!  
Mas preferivel é que seja assim!*

31—8—913.

MARIO SILVA.



# OS NOSSOS BISPOS



D. Manuel Correia de Bastos Pina

† BISPO DE COIMBRA; CONDE D'ARGANIL

Nasceu na Carregosa, a 19 de novembro de 1830; foi eleito no consistorio de 22 de dezembro de 1871 e acaba de fallecer em 19 do corrente, dia em que completava 83 annos.

Foi vigario capitular de Vizeu e depois governador de Coimbra, antes da sua eleição. Defendeu ardentemente os direitos episcopaes n'uma questão com a faculdade de theologia. Governou com energia e bondade a sua diocese. Creou um Museu de arte-sacra nos claustros da Sé, obra de insigne merecimento. Reformou os estudos ecclesiasticos fazendo adoptar no Seminario a philosophia thomista.

Deixa valiosos escriptos em cartas-pastoraes e outros. Foi socio do Instituto.

*A "Illustração Catholica,,*

presta a homenagem sincera da sua admiração e respeito ao grande Bispo, decano do Episcopado portuguez, que agora desaparece de entre os vivos.



# Uma lingua curiosa



**P**OUCAS pessoas haverá em Portugal, creio eu, que tenham estudado... o vasconço. Quem escreva em portuguez vasconço, ha muito, louvado seja o Senhor. Eu sou um d'elles! Mais que o desamor á lingua patria, é isso devido ao estudo das alheias. Hoje quero entreter dez minutos os leitores da *Illustração Catholica*, falando-lhes da ultima que aprendi, ou melhor, que tentei aprender.

E' o vasconço, a lingua dos vascongados.

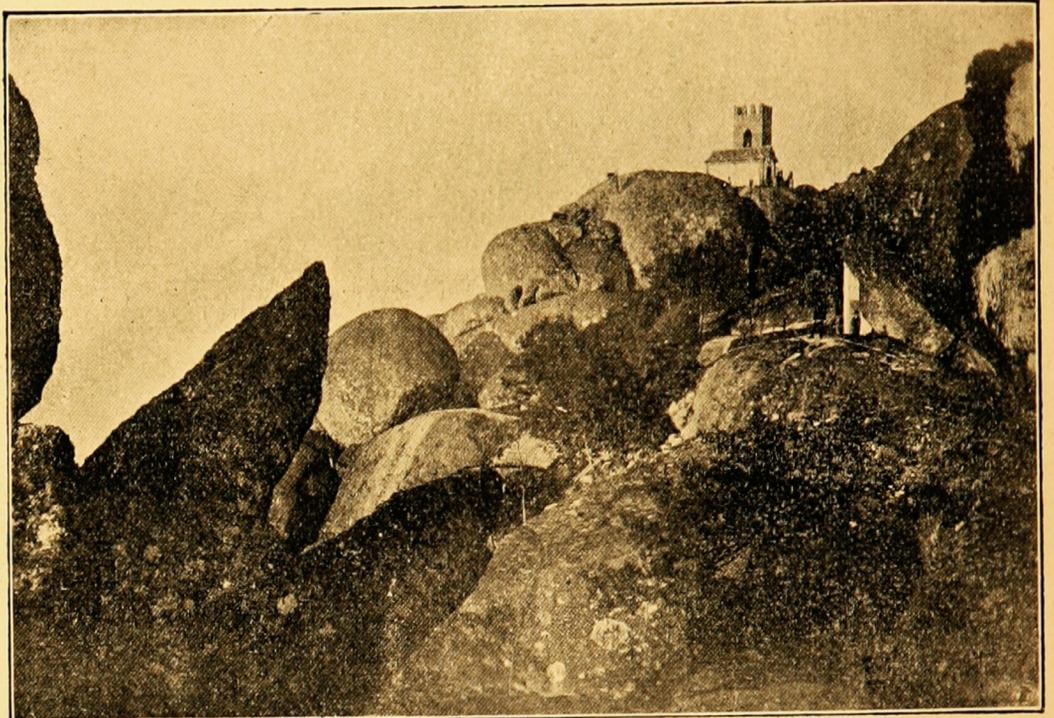
N'outra occasião, com mais vagar (estou fazendo as malas para embarcar!) darei uma ideia mais desenvolvida do mecanismo prodigioso d'esta lingua veneranda. Tão veneranda que já alguém sustentou que foi a primeira que houve no mundo!

Por hoje, e para começar iscando á curiosidade dos leitores, vou transcrever um periodo de um artigo de fundo de um diario vasco *La*

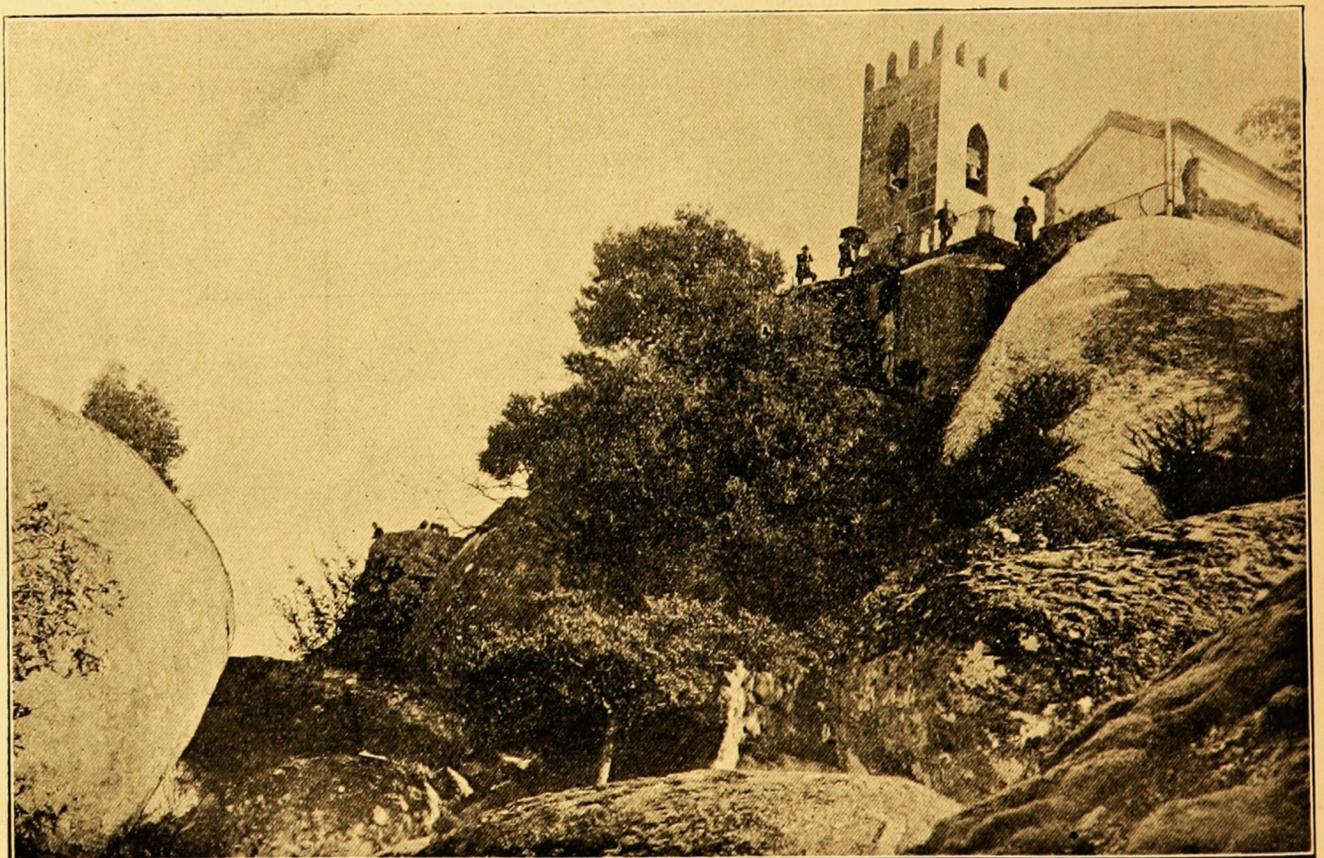
*Gaceta del Norte*, de Bilbao, periodo em que ha uma gralha typographica muito curiosa. Escrevia aquelle jornal em julho passado:

«Não é segredo para ninguem que a resolução dos enigmaticos problemas relacionados com a origem e o desenvolvimento da nossa raça e da nossa lingua, tentou desde ha muito os *anthropófagos* (sic) e linguistas do mundo inteiro.»

Os *anthropófagos*! Santo Breve da Marca! Ora os leitores, sem serem anthropólogos, hão de gostar de ler duas noticias sobre uma lingua que tem despertado tamanho interesse no mundo scientifico.



GUIMARÃES—Um aspecto da Penha



GUIMARÃES—O castello da Penha

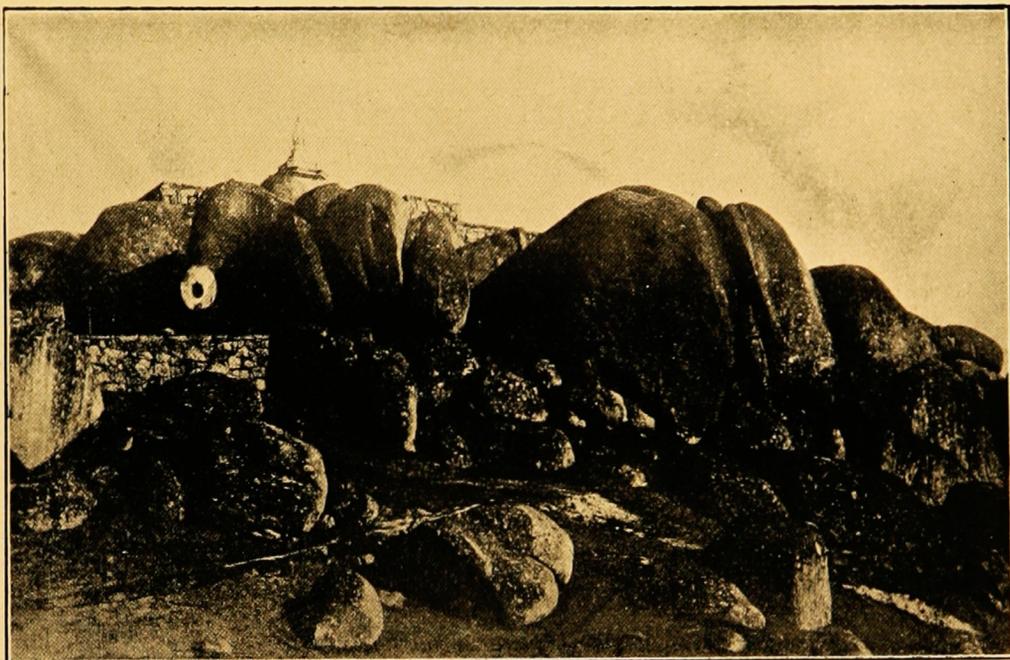


A sciencia da linguagem, diz Ribary, philólogo hungaro, classifica o vasconço entre os restos mais preciosos dos tempos antigos, por causa da construcção prodigiosa do seu verbo.» E Champion, grammatico vasco, accrescenta: «A mim affigura-se-me como um edificio de colossaes dimensões, assente sobre amplos e resistentes alicerces. Se attendemos á abundancia e á solidez dos materiaes, denominamo-lo (ao verbo vasconço) trabalho de cyclopes; mas se levantamos os olhos para os seus esbeltos minaretes e as suas afilegranadas agulhas devemos chamar-lhe trabalho de fadas. Regularidade, proporção, harmonia nas grandes linhas; minuciosa riqueza nos seus infinitos pormenores. A nave severa é um formigueiro de fórmias: um bosque dentro de um templo grego. O nosso espirito começa attónito para acabar fascinado. As injurias do tempo perdem-se na formosura sem par do conjuncto.»

E para que o leitor acabe de espantar-se, e me peça que não falte á pro-

messa de lhe fallar da lingua avasca, abro a veneranda *Apologia da lingua vascongada* de Don Pablo Pedro de Astarloa, e copio, a pag. XI do prologo da edição de Madrid—1803:

«Eu não tinha ainda examinado com a devida exactidão o verbo vascongado. Fixei o numero das suas *duzentas e seis* conjugações pelos presentes perfectos do modo actual ou indicativo. Faltava-me observar se era pontual nos outros modos e tempos; queria tambem saber se, assim como soube aformosear-se com



GUIMARÃES—Penha. Estatua de SS. Pio IX e gruta de N. Senhora



Grupo de Foot-Ball Vimaranesse promotor da corrida pedestre na encantadora montanha da Penha

*De pé*—José Ribeiro, Gualdino Pereira, Pereira Mendes, Alberto Castro, José Fernandes, Manuel Pires e Belmiro d'Oliveira.

*Sentados*—Arlindo Souto, Casimiro Fernandes, Antonio Pereira, Antonio Abreu, Alberto Vieira e Francisco Mendes.



esta immensa variedade de conjugações, soube ao mesmo tempo prescrever-nos regras que facilitassem a sua aquisição, aclarando-nos aquelle chaos de obscuridades que se apresentam ao entendimento, só com o ouvir que *cada um dos nossos verbos ha de ter duzentas e seis conjugações diferentes, com duzentos e seis indicativos, duzentos e seis imperativos, duzentos e seis conjunctivos, etc. e trinta mil novecentos e cincoenta e duas inflexões pessaes, e outras tantas participiaes*, que necessariamente devem resultar, para que aquellas conjugações fiquem completas.»

Se a estas horas o meu paciente leitor ainda não atou as mãos na cabeça é porque a tem á prova... de vasconço!

Pois que lhes direi mais, hoje, senão que as horas que me deixam livres os meus trabalhos me são delicias pelo estudo do vasconço? Tenho o livro de Astarloa, a monumental grammatica, acima citada, de Arturo Champion, e leio todos os dias o *Euzkadi*, diario de Bilbau, parte escripto em vas-

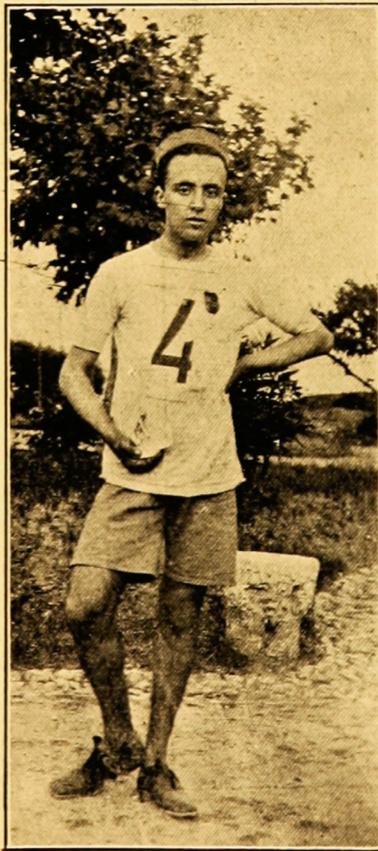
co e parte em castelhano. E até... tenho amor aos vascongados! Já escrevi, n'um livro que dediquei...; adeante!—que amava a Polonia e a Irlanda, porque soffreram e soffrem pela sua fé. Agora accrescento que amo tambem a Vasconia, porque no reducto das suas montanhas, defendidas atravez dos seculos com bravura de leões, conservam intacta a sua fé religiosa e o amor á terra natal. Amanhã, quem sabe? talvez o meu amor aos povos perseguidos, se durar o exilio, me leve á Finlandia, onde, como

pelo gaelico na Irlanda, pelo polaco na Russia e na Allemanha, e pelo vasconço na Hespanha, ha um povo que lucha pelo respeito ao seu antiquissimo idioma.

Quem sabe? Ha tantas nuvens negras no horizonte da nossa patria, que eu, estudando no exilio a lingua e a litteratura vasconça, lem-



Corrida pedestre. Partida



Galdino Pereira, vencedor do 1.º premio

bro-me, ao ler o canto dolorido de Arrese:

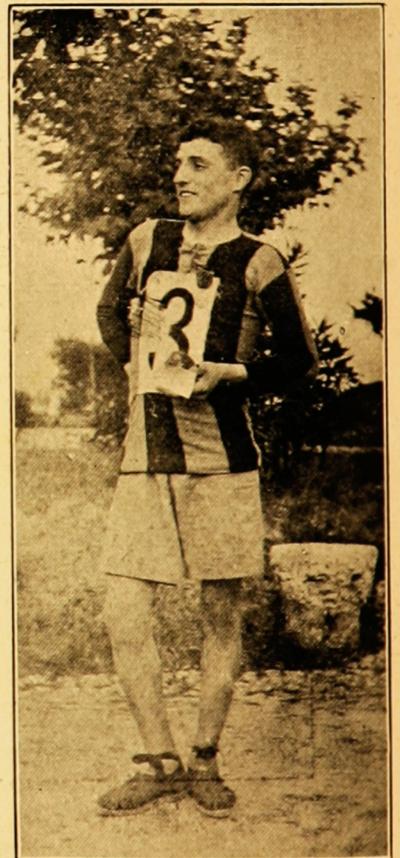
*Oh neure erri maite maitea!  
Zakustaz triste negarrez...*

«Oh meu amadissimo povo, vejo-te triste chorando...» — lembro-me se tambem algum dia, quando em Portugal já se não entender portuguez de Bernardes ou Vieira, teremos que ouvir algum bardo dolente repetir com o cantor vascongado, dos nossos prados desertos e dos rios que correm para o mar:

*Gau eta egun chilioz dagoz  
Ay, gara gaztelakuak!*

«Dia e noite clamam com alaidos: ai, somos castelhanos!»

Longe vá o agouro... e tambem o temor de que lhes pretenda explicar, no promettido artigo, as *trinta mil novecentos e cincoenta e duas inflexões pessaes* do verbo vascongado. Não! Escolherei alguns tópicos a menos sobre esta veneranda lingua, representada hoje em Portugal, entre outras coi-



Manuel Pina, vencedor do 2.º premio



sas, pelo appellido do sr. Presidente da Republica, Manuel de Arriaga, que vem a ser *pedregal*: de *arri-pedra* e a terminação *aga*—*reunião de...*

E posto isto á laia de engôdo, para attrahir os leitores, até á vista e... *Aurrerá!* que é como quem diz: *Avante!* em vasconço.

ARTHUR BIVAR.

## VIDA INTENSA

(PAGINAS D'ALÉM FRONTEIRAS)



Os jornaes do mundo voltam a insistir na questão balkanica e Fernando 1.<sup>o</sup>, que n'uma hora de sorte fez d'um principado remoto um reino audaz, anda agora titubeando por casa da parentella de Vienna, a

com duas pennadas protocollares, o problema balkanico.

A guerra vae surgir. A calma longe de gelar as coleras, aguçou appetites, açulou desejos e poz á roda viva das novas ambições, as cabeças coroadas dos Reis em guerra.

A Turquia, quasi relegada para a immensidão da sua Asia submissa, volta a consolidar-se na Europa pela mão instigadora d'uma nova ambição—reaver o perdido. O Czar Fernando pôde conseguir a revisão, não conseguirá a paz.

O seu povo, agita-se n'uma sêde selvagem de vingança. Hontem acclamou-o, vencido, nas ruas de Sofia, com a mesma sinceridade com que hoje o ameaça de morte, se elle voltar sem a revisão. E' a inconsciencia politica a atiqar rescaldos, a armar braços vingadores. A inconsciencia collectiva é sempre o rebate sangrento da revolução e da guerra. Se fosse um latejar isolado poderia ser ephemero, dominado, mas a Bulgaria soffre do mal dos seus visinhos. Atravez da fria manhã da Rumania,



Jantar do grupo de Foot-Ball Vimaranense

(Clichés do phot. am. sr. Luiz do Souto)

supplicar a revisão do tratado de Bucarest, que foi um ruinoso desastre para os destinos do seu paiz...

A Turquia, já retemperada, espreita a hora compensadora da desforra e desde Belgrado ás praias distantes do Egeu, todos se olham desconfiados, n'aquella mansa attitude do *boxeur*, que refeitos os queixos do ultimo murro, ensaia pacatamente um novo murro...

A paz é uma ficção. Houve apenas a calma mas a tempestade ameaça e a tempestade voltará, devastadora, horrivel. Afinal, seria um cumulo d'ironia, que a diplomacia ruidosamente fracassada n'essa sangrenta questão, tivesse agora liquidado

nota-se já a mesma ebulição que abrasa e excita os estados vencedores ou vencidos.

Vão ainda bater-se. Hoje, amanhã, vão bater-se e ou a diplomacia fracassa pela ultima vez ou triumphá n'um rasgo e então pela ultima vez se pronunciará tambem a ultima palavra sobre o destino incerto d'esses povos.

Mas as chancellarias andam em maré d'azar e quanto á sinceridade das suas attitudes ha muito que discutir. A questão do *Zepelin* que foi um triumpho de cortezia, não liquidou e o estado maior allemão responde ao incidente, com a organização secreta d'uma nova esquadilha aerea.



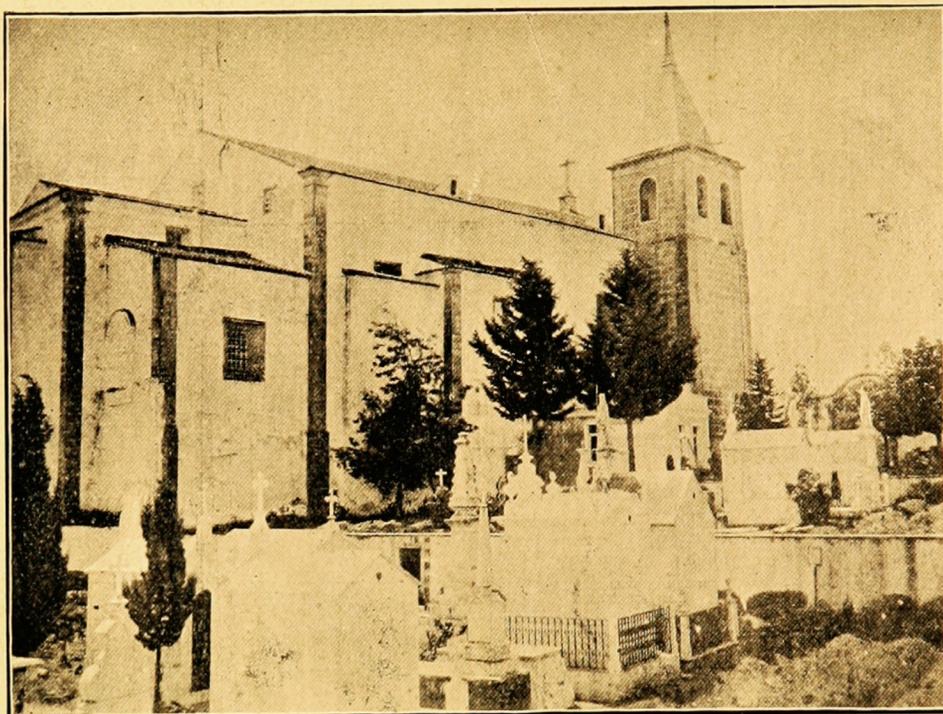
E' curiosa a incoherencia politica de tudo isto. A seguir sempre a qualquer conferencia de paz, sellada com os protestos pacificadores da Europa inteira, os arsenaes atulham-se de ferreas carcassas de novos cruzadores, as fabricas illuminam-se ao clarão sinistro de novos canhões fundidos. Foi por isso, que ha annos, a rir, entre um charuto e um *bock*, aquelle loiro principe, que então representava no concerto da paz os bons desejos d'um grande paiz, affirmou aos collegas, ironicamente: «Final a paz só se consegue augmentando os effectivos de guerra» e entre uma nuvem de fumo, o seu sorriso trocista vincou ainda a ultima ironia: «Não, não, armam-se para se não baterem...» Ora, afinal, afóra esta excepção sangrenta dos Balkans, em que o espirito da raça e a selvageria contida

resentimentos e preconceitos dos homens, universalizando-os perante a ideia. A' manhã se a guerra rebentasse, que não rebenta, os socialistas não hesitariam em oppôr a sua força organizada, contra a força armada que ia desorganizar e destruir. E' por isso, que ante as novas leis militares,—o augmento d'effectivos da França o alargamento dos quadros navaes da Inglaterra, a nova esquadilha aerea da da Allemanha—o mundo encolhe philosophicamente os hombros, como a gente troça, nas feiras, do repontão marchante minhoto, de jaqueta d'alamares e espora de latão, que faz uma *varredoura* espalhafatosa para afinal nada varrer.

A França, esta agora mais preocupada com a nova peça de Bataille, que com todo o bellico furor da sua inimiga d'alem-Rheno, a phantasiar, na imprensa, derrotas theatraes e Mr. Poincaré, estuda com mais attenção uma aproximação com a Santa Sé, que propriamente se interessa pelo novo cruzador-monstro, que dentro em breve vae sulcar as aguas de Brest.

Mais do que nunca se pensa a sério nas pazes amigas com a Curia. A França, que o snr. Combes fez passar pelo fracasso de hostilizar as proprias crenças, para satisfazer as ambições d'uma grey procura afincadamente encontrar o pretexto airoso para retomar o seu papel de Christianissima nação, intervir nos concilios, agitar purpuras, e até bem quizera poder resuscitar o seu uso de veto, morto com o anathema de Pio X.

O catholicismo em França,

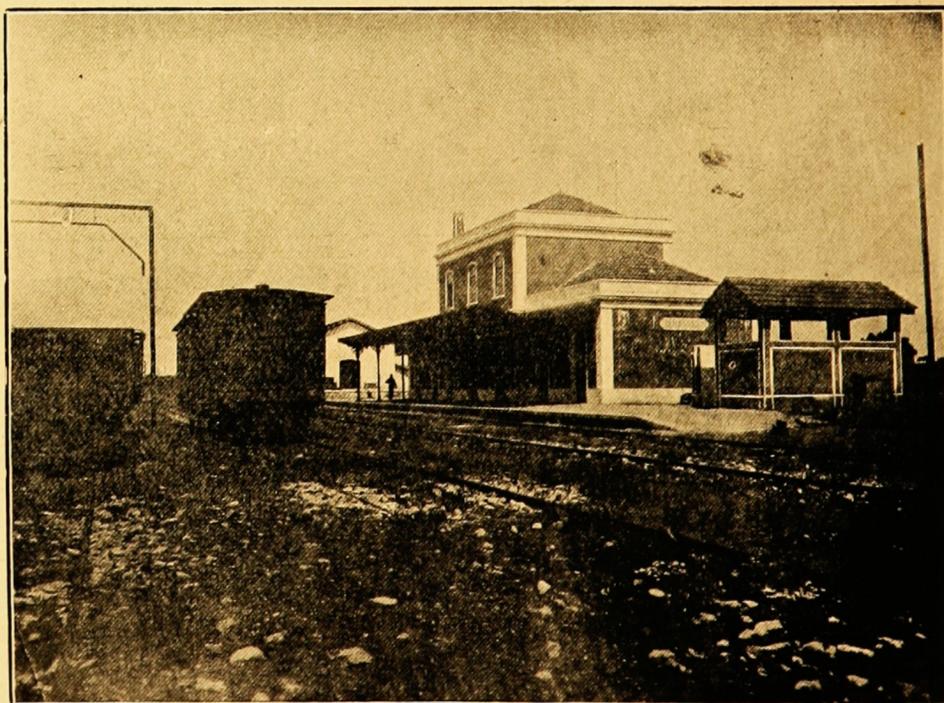


VILLA VIÇOSA—Egreja matriz e cemiterio municipal

pela civilização imposta, accendeu a rebellião, a guerra, hoje, é quasi um impossivel, reduzida como está ao papel infantil dos rapazelhos da escola, que com medo reciproco, se ameaçam, avançam mesmo, injuriam-se, invectivam-se, mas vão para as suas casas sem um murro trocado, receosos dos paes que podem esticar-lhe as orelhas juvenis.

N'este caso, as orelhas são os regimens que receam os puchões dos socialistas que comecam a dominar pelo medo.

Os ultimos *meetings* contra a guerra tem uma indiscutivel significação. A propaganda social que se estendeu e radicou, n'uma ligação estreita, vae des-nacionalizando, dominando os



VILLA VIÇOSA—Estação ferro-viaria

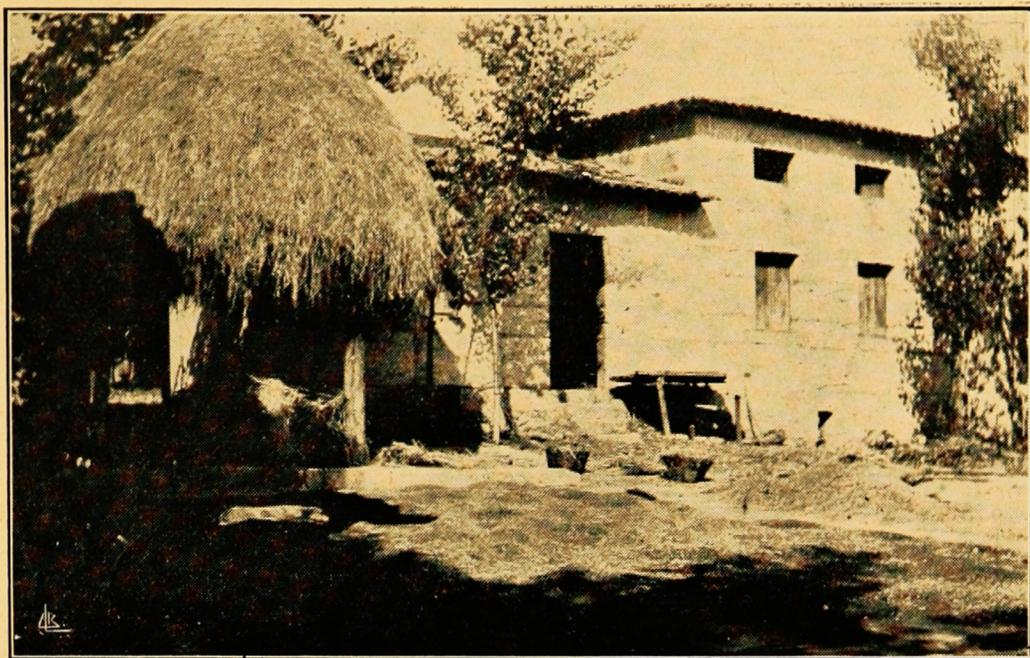


é hoje uma força esmagadora e tão grande, que em curtos annos dominou a furia vermelha que gerou a separação e collocou a patria na dura situação de vir delicadamente supplicar, o que ha pouco ainda poderia exigir pela concordata. Roma, vê, atravez d'uma habil reserva, este phenomeno politico e mantem-se inabalavel, dentro da sua intransigencia, que é hoje a sua grande força.

Mas é questão de tempo. Roma ha de ceder quando tiver garantias sufficientes e a França christianissima e constricta na pessoa vistosa do seu embaixador, atravessará de novo os *parquets* sagrados do Vaticano, com os protestos d'uma estreita amizade e... a insinuação discreta, d'alguns novos cardeaes.

E emquanto no taboleiro xadresado dos estados, os politicos jogam a sua partida, lá para os confins da America um millionario caturra dispõe os seus preparativos para uma partida-monstro de xadrez.

Nos jardins do seu magnifico palacio de Boston, jogar-se-ha, dentro de dias, perante as auctoridades e a gente grada, uma rara partida de xadrez, para a qual a municipalidade instituiu um valioso premio.



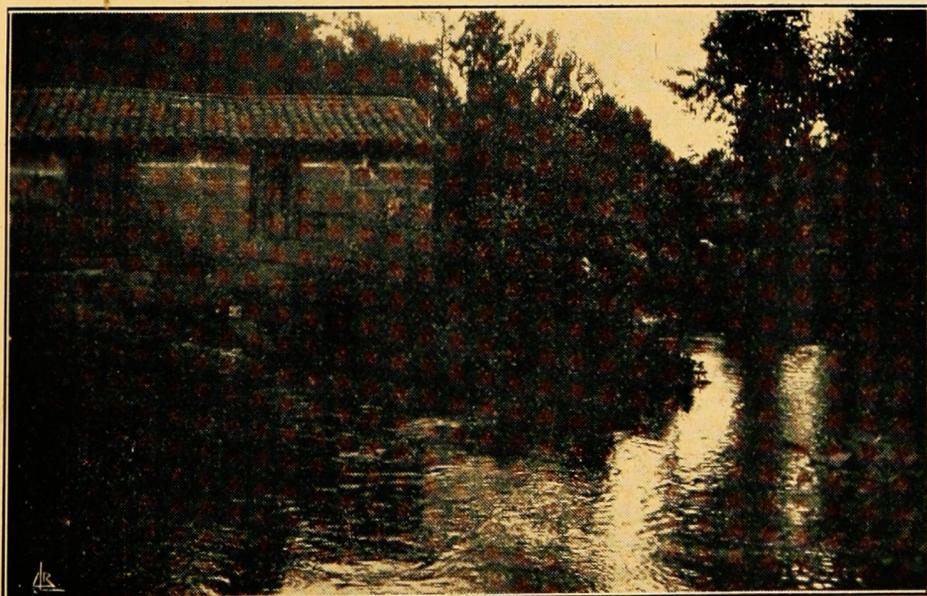
PELA ALDEIA—Uma casa de campo

ros, nivelado e coberto o chão d'um mosaico arabe, reproduzindo o negro e branco do jogo, dentro de dias, as 32 pedras do xadrez, humanamente representadas por homens e mulheres vestidas por um *costumier* parisiense, movimentar-se-hão, segundo a phantasia estrategica do esquisito Thoomson, que do alto d'uma tribuna coberta de brocado e ouro, vae apresentar o seu ultimo lance de xadrez. A seu lado, dois pagens munidos de cornetas acusticas transmittirão as ordens, que serão executadas pela extranha comparsaria e a cada lance, dois arautos solemnes, marcarão o jogo tocando em trompas de prata, um hallali guerreiro. O adversario que occupará uma tribuna igual e tem ás suas ordens outros tantos arautos e pagens é o presidente de um club cotado e um xadresista feroz.

A festa custará cem contos, accrescenta ainda o sollicito informador do jornal.

Cem contos!!! E lembrar que no mesmo jornal, que exhibe a phantasia do jogador caturra, vem um telegramma de Paris, annunciando que com os primeiros rigores do inverno, foram encontrados junto ao Sena dois homens mortos de frio, e que as auctoridades medico-legaes summariamente averiguaram que um dos desgraçados estivera dois dias sem comer.

JOSÉ DE FARIA MACHADO.



PELA ALDEIA—Moinhos no rio Selho

O americano Thoomson, se não faz mais do que reeditar uma festa realisada ha annos, por um compatriota, promette, segundo o «New-York Herald», supplantar a primeira, com o luxo faustoso e o deslumbramento da segunda.

No jardim do seu palacio, desfeitos os cantei-

Feliz aquelle, que sabe juntar bons livros ao pequeno numero dos seus amigos; que muitas vezes se retira da agitação do mundo para gozar do seu pacifico entretenimento; e que sempre d'elles tira mais serenidade, mais coragem e mais esperanza.





PORTO—Jardim Passos Manuel. Salão de festas, onde se realizou a última exposição de flores



Gruta de S. João no Jardim de Passos Manuel

(Clichés do distinto phot. am. sr. Augusto Chaim Junior)



# FIGURAS DA BEIRA

○○○

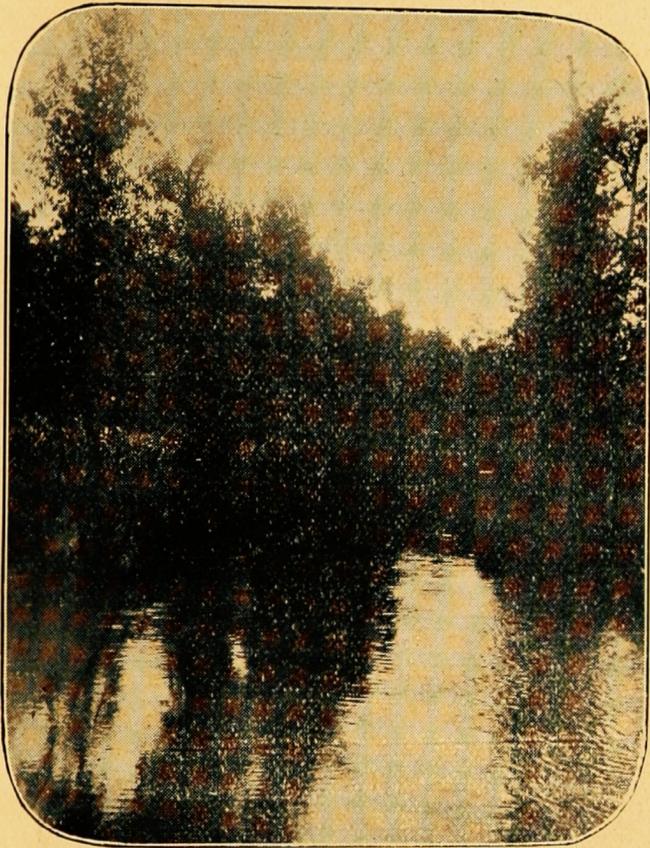
IX

Dr. José Correia da Silva Menezes

I



dr. José Correia dava, a principio, quando no-lo apresentavam, a impressão d'um homem rude, hostil, facilmente propenso a bombardear o proximo tranquillo com catilinas, ruidosas de apostrophes. Cumprimentado e tractado, o original medico des-



PELA ALDEIA—Um aspecto do rio Selho

fechava logo sobre nós perguntas estridentes, e depressa, em tom de descompostura, em voz gritada e implacavel, fazia a critica viva dos costumes de todos e, ás vezes — o que tinha mais graça — dos costumes de si proprio, ou de toda a sua familia.

Foi sempre assim toda a gente, ou quasi toda, da numerosa e galharda familia Correia que inçou Lamego, emigrando de Barrô. Todos falladores, rijos de voz, impetuosos, causticos, mas tambem, além de talentosos e cheios de actividade, não raro dotados d'um coração magnanimo, d'um caracter puro.

D'esta linha integra e, ao mesmo tempo, curiosa, lhe veio um incontestavel dominio na vida lamecense durante mais de meio seculo.

E' provavel que peccassem bastante por uma altivez neo-aristocratica, por um intenso amor-proprio de casta nova, ambiciosa de todo o poder. Os Correias formaram devéras uma dynastia de dirigentes, dando a Lamego dois medicos notaveis, que tambem eram rigidos politicos, e muitos com-

merciantes poderosos, alguns burocratas, um abba-de, um poeta muito mais satyrico do que lyrico — Francisco de Menezes—um advogado, hoje professor de lyceu —dr. Oliveira e Castro—, emfim, dos melhores lamecenses, dos mais operosos e salientes, no seu cruzamento com varias familias, mas predominando sempre, como o bom azeite á tona da agua, no sangue novo a que se alliavam com majestade.

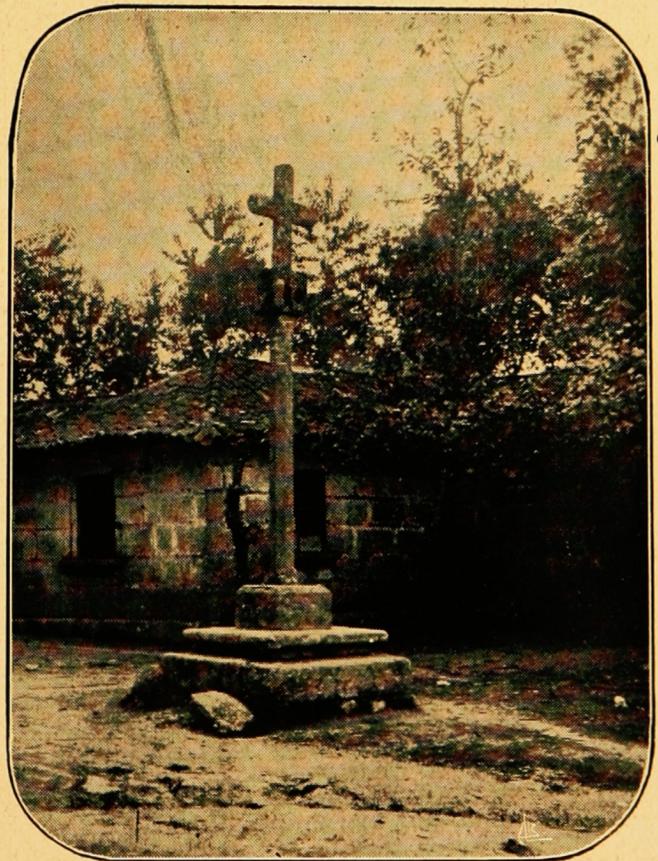
Contudo, a sua acção foi, e tem sido, na essencia, quasi sempre benefica. Os defeitos eram fartamente compensados pelas qualidades: trabalho, honra, caridade, amor ás boas e fecundas tradições, uma franqueza integra, superior a conveniencias.

O dr. José Correia era uma encarnação perfeita do espirito dos Correias. Modos asperos, e alma generosa, irreverente com praxes, e intransigente com o menor symptoma de anarchia. Nunca muito bem com a vida moderna e, todavia, amigo da convivencia animada e ruidosa.

Hostil a vaidades, e cioso da hegemonia da sua familia. Liberalão bastante nas arengas verdadeiras que impunha, como escutadas, na conversa, e profundamente religioso, arraigadamente christão, inexoravel com *espiritos fortes*, a cada passo, com intransigencia, por vezes com aspreza fulminante.

\*

Era notoria a sua descortezia desabrida. Saudava em tom de sarcasmo, e espirrava francamente nas barbas dos mais aprimorados. Visitando os doentes, conservava sempre na cabeça o chapéu alto, como um militarão que não larga o capacete, e entrava, mirando tudo com impertinencia: tecto,

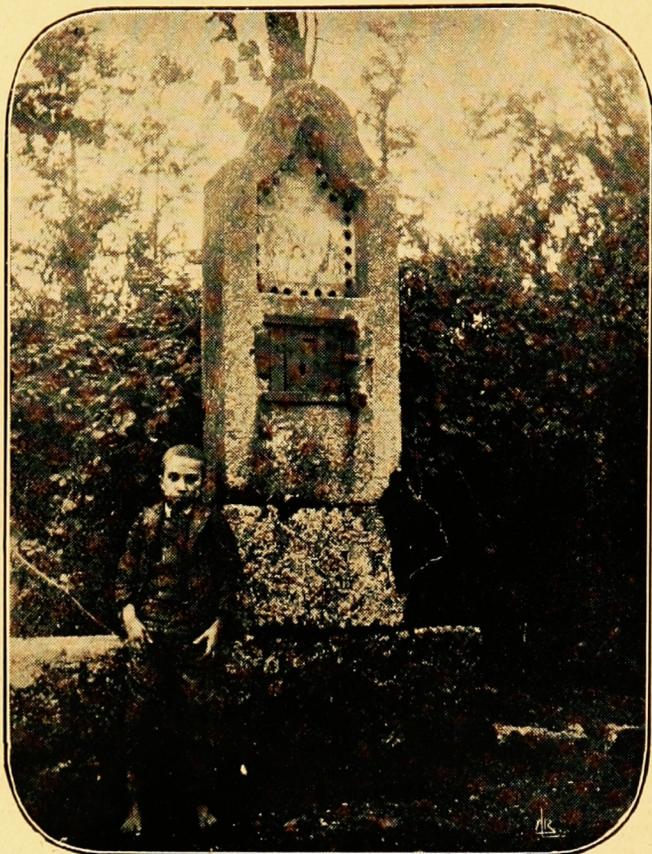


PELA ALDEIA—Um cruzeiro



sobrado, paredes, quadros, reposteiros, teias d'aranha, mobilia, vestuários, disparando, antes de mais nada, os seus rudes conceitos á queima-roupa.

Ao doente, mais o invectivava do que o examinava. Tomava-lhe o pulso, cantarolando, mandava-lhe deitar a lingua de fóra com um brado que podia abalar uma cordilheira. E, depois, eram sem-



PELA ALDEIA—Umas alminhas

pre mais ralhos do que conselhos, uma trovoada aspera que, afinal, tinha o condão estranho de animar o enfermo, obrigando-o a ter appetite, boas digestões, bons nervos.

Sahia, como entrara, mirando e ralhando sempre. Mas, se o doente era pobre, deixava-lhe cinco tostões para uma gallinha e, ás vezes, mandava-lhe de casa vinho do Porto, do de 1810, para ser usado, ás colheres de sopa, dentro dos caldos. E ai d'elle, se poupava o precioso licor!

Trovejava... e deixava mais dinheiro.

Cá fóra, ao perguntarem-lhe pelo enfermo, respondia invariavelmente:—Tem mais falta de juizo do que de saude.

JOSÉ AGOSTINHO.

## Arêna dos novos

PELA ALDEIA

**Q**UANDO o sussurro da cidade nos convulsiona o pacato e pachorrento viver, dispondo-nos mal e nos entorpece o espirito, sentimos o ardente desejo da paz e do socego, a ancia intraduzivel de fugir, procurando o bem estar.

Chama-nos em convite franco e leal o ciciar das verdes folhas, o remurmurio e dolente requiebro das ramarias, o frescor dos verdes campos, as *nuances* variadas que em chuvisco dourado o sol diffunde pelo *gobelin* graminoso dos campos e outeiros, o vergastar do aquilão que precipita no perigo as primeiras folhas abandonadas no solo, o viver alegre da aldeia, a bonomia simploria do forte e crestado lavrador...

Tudo ri, tudo nos convida abertamente ao socego...

E agora que pelos campos corre uma faina desusada de trabalhos alegres e divertidos, que o sol quebrando o bistrado sombrio das nuvens, cahe de leve, em iris, atravez do espacejante arvoredo coroadando a tarefa pesada, e uma avelludada e amornecida aragem corta as faces quentes e suadas dos trabalhadores, e baloiça em ondas o pasto verde que em lameiros reverdece, é soberbo e bello admirar-se.

Cada passo que se dê é um enyigma que apparece, um mysterio que se desvenda.

A nossa vista alinha-se com satisfação, e ardentemente desejosa pelas quebras graciosas e elevadas que se estendem, pelas modalidades que se distinguem, perdendo-se lá ao longe, na abertura rasgada de uma collina, onde serpea um filete coado de agua escondido pelo tojo espinheiro e pelos abraços apertados da giesta, reaparecendo pouco adiante a descoberto, em fio de prata, brincando de passagem com os fétos, saltando de pedra em pedra, sempre claro na sua correria. Passaros baloiçando-se nas vergonteadas frageis das videiras, oc-



PELA ALDEIA—As vindimas

cultos pelas já mirradas folhas, pipilam assustadoramente, prenunciando a quadra outomnal.

A harmonia uniforme e clara dos sons, o brilho bucolico e accentuado da luz, a insinuação macia dos aspectos naturaes, entoava onomatopaicamente com soberbas elevações, o epithalamio sagrado do amor, do trabalho e da vida...

Aqui, em arco, corpos lançados á terra com pujante vida, cortam d'um impulso e cerce, com simples e brando movimento de fouchinha tatuada, a haste direita e folhenta do milho, de praganas ao



PELA ALDEIA—Conduzindo uvas para o lagar

cimo, tombando ao lado, em monte, sempre com rapidez e agilidade de braços.

Mais além aprecia-se um quadro — de mais vida, mais garrido, e por vezes facéto, pelos ditos repentinos, respostas promptas, descomposturas pesadas, gargalhadas cynicas e accintosas que se chocam e confundem n'uma algaravia emmaranhada: —é uma vindima.

Homens de musculos rijos e salientes, de pés

BOI

tintos e dentes fuscos das *mouriscas*, em disputa, empunham escadas altas e desempenadas, correndo e calcando milho; raparigas trigueiras, de cabellos em desalinho, despejam, faces tintas de pudor, as pequenas e barrigudas *cestas* que descem do alto acompanhadas por ditos picarescos e estridulos de alegria; mulheres novas, córadas, de rosto oval, de nariz vermelho e suado e seios redondos, conduzem á cabeça, já esfalfadas, para o lagar, cestos de uvas quasi em mosto. Os ditos — muitas vezes acertados e hilariantes—chovem de cima inesperados, produzindo gargalhada geral. As mulheres córam com o dito apimentado e traiçoeiro, os rapazes dos *bagos* riem maliciosamente...

E' uma algazarra, uma permanente alegria. Diverte e dispõe bem...

Pelos caminhos pedregosos de rampas elevadas onde o silvão medra, pelas estradas pulverulentas e de solo mórno, caminha-se grande distancia sem que nada desperte e prenda a attenção e provoque a curiosidade investigadora, a não ser por vezes a passagem de um cançado caminheiro, ou o tropear lento e compassado de jumento arisco de moleiro, fustigado por insinuante e empoeirada moleirinha...

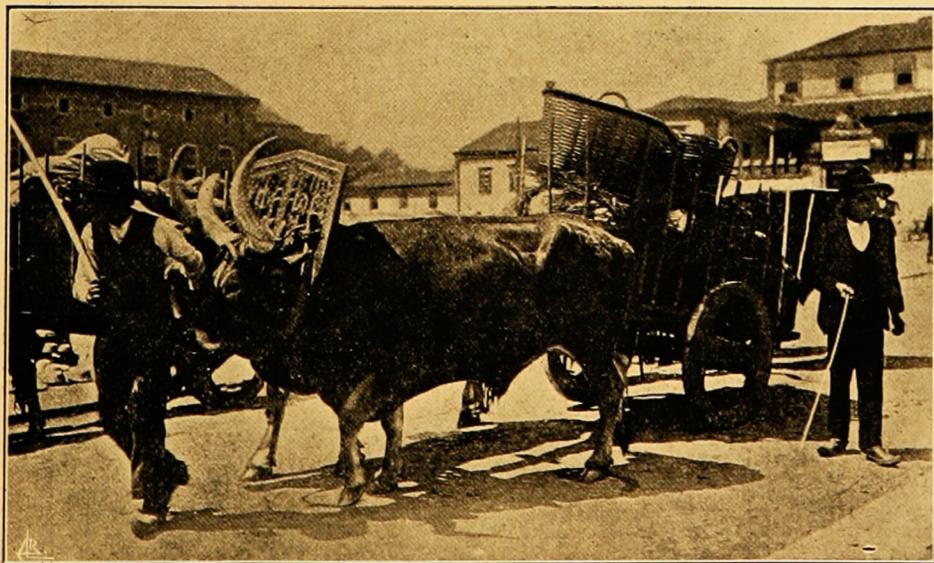
Seguindo sempre, encontra-se aqui, um pouco para além da estrada, uma cruz de cantaria emperdigando o azul do espaço em recorte de braços abertos, como que querendo abraçar duramente, apertadamente, os desalentados e os pobres, para lhes segredar bem unida a seus peitos, que como elles, é desamparada, vivendo ao relento da noite, braços em constante piedade, sempre triste e desconsolada...

Alguns passos mais e encontra-se no reparto de um atalho, esbatidas e recortadas pelo declinar, em tira, do sol, umas *alminhas* já esverdiadas pelo tempo, desmanchadas e deslustradas pelo abandono impiedoso dos descrentes...

Se fôssemos revolver uma pequenina historia, trasladando aqui algumas passagens, d'umas *alminhas*, contada por uma velhinha de cabellos brancos como fios de linho, de riso pallido nas faces enrugadas,

entrecortada por soluços que lhe vinham da alma crente e que lhe abafavam na garganta as palavras tremulas, paralisando-lhe tambem os gestos imprecativos, seria o bastante para commover em desespero as almas menos sensibilisantes.

A. V.



PELA ALDEIA—Um carro puxado a bois

(Clichés do phot. am. snr. Francisco P. Mendes.)

BOI

Um estado é perdido, desde que as grandes agitações politicas tem por objecto, não as opiniões, mas os homens; e desde que o interesse publico serve de mascara aos interesses particulares.



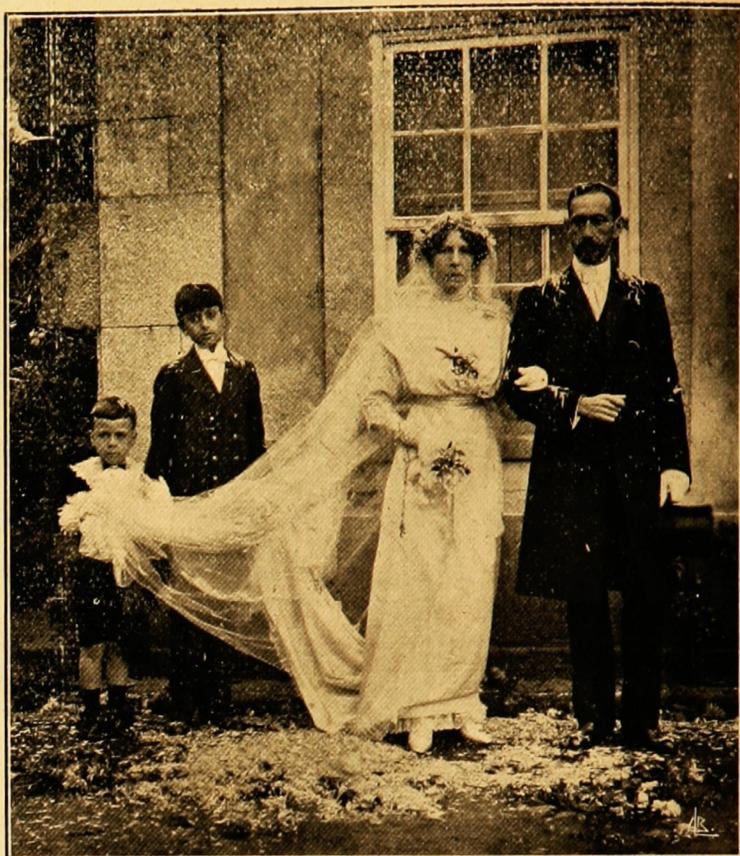
# Um casamento aristocratico

Na pequenina capella de S. Francisco, da illustre casa do Vinhal, em Famalicão, realisou-se, na passada quarta-feira 12 do corrente, o feliz consorcio da senhora D. Maria Rita Pinheiro de Azevedo Bourbon e Menezes, gentillissima filha do nosso amigo e distincto escriptor snr. José de Azevedo e Menezes Cardoso Barreto, e da senhora D. Maria Julia Falcão Pinheiro de Azevedo Bourbon e Menezes, com o sr. Luiz Maria da Costa de Almeida Ferraz, filho do snr. Custodio da Costa de Almeida Ferraz, da villa de Barcellos. Ambos os noivos são oriundos das familias mais nobres do Minho.

A cerimonia religiosa que revestiu o maximo brillantismo e á qual se associaram os parentes dos noivos foi presidida pelo Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. D. Antonio Barroso, venerando Bispo do Porto, que ao concluir o religioso acto fez uma eloquente allocução, celebrando em seguida a Missa, finda a qual lançou sobre os nubentes uma Benção Especial do SS. Padre Pio X.

Nos salões do palacete do Vinhal foi servido a todos os convidados, apoz a benção nupcial, um copo d'agua offerecido pelo illustre pae da noiva.

Aos noivos foram offerecidas muitas e valiosas prendas.

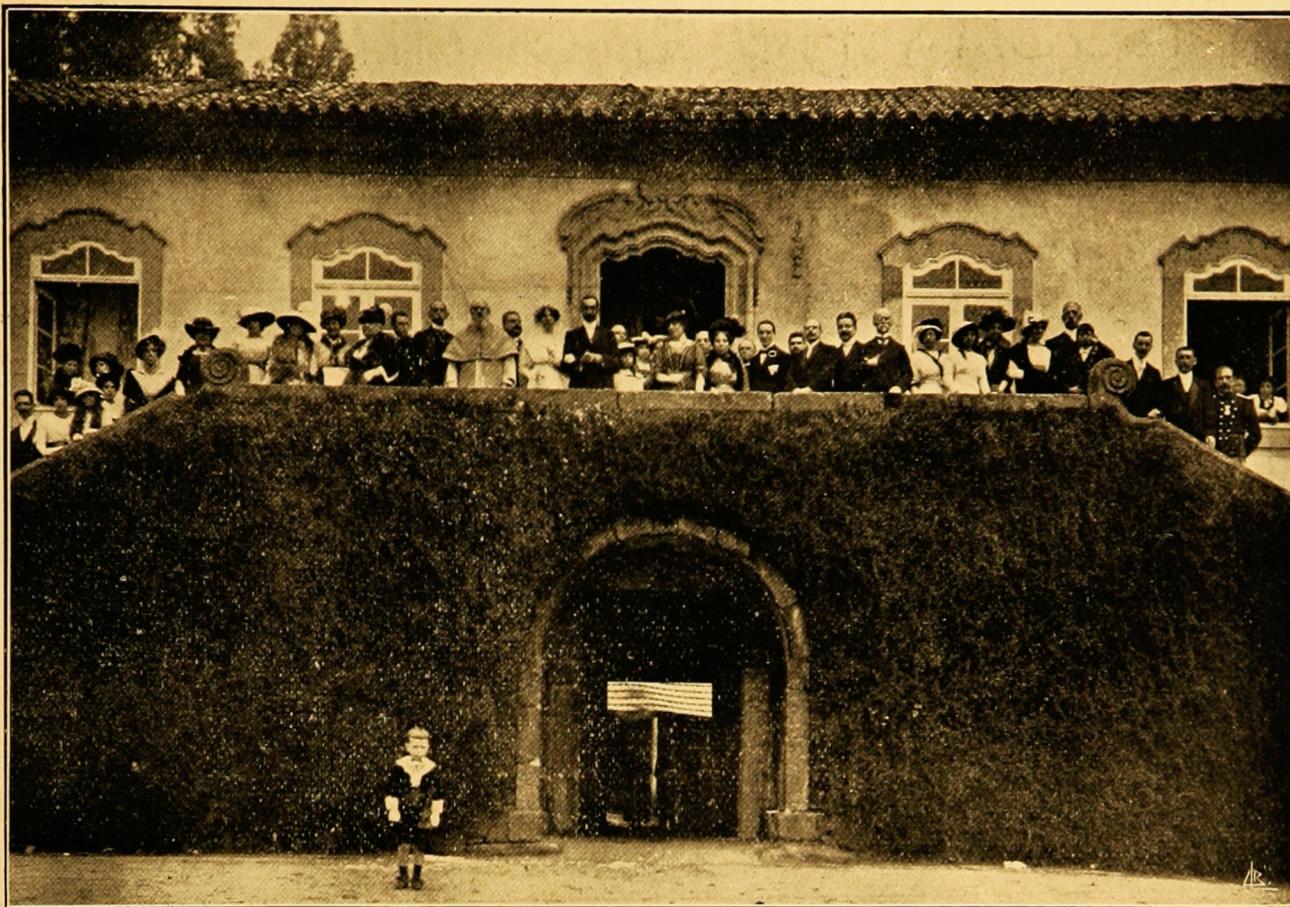


Os noivos sahindo da capella de S. Francisco, da casa do Vinhal



CASA DO VINHAL — Photographia obtida no dia do casamento, vendo-se n'ella alguns dos convidados





CASA DO VINHAL—Grupo dos noivos, pessoas de família e convidados que assistiram à cerimonia



CASA DO VINHAL—Um aspecto do salão, vendo-se algumas das prendas offerecidas aos noivos  
(Clichés de J. J. Souza Guimarães.)



# NOZAS DO ESTRANGEIRO

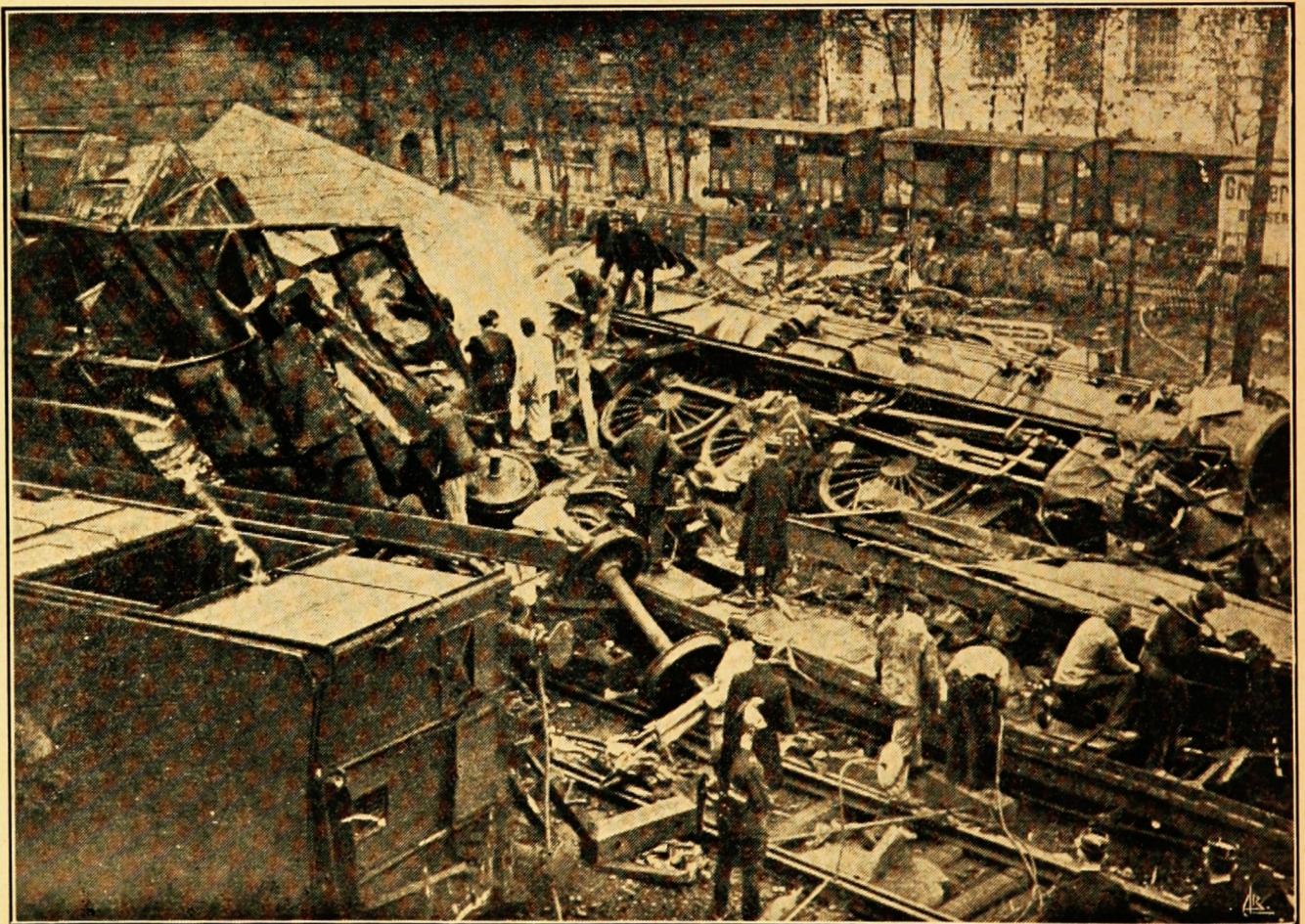
## A catastrophe de Melun



Os trabalhos de salvamento

A cinquenta metros da estação de Melun (França) deu-se ultimamente uma forte collisão entre o rapido que provinha de Nice e o comboio-correio.

A catastrophe foi attribuida á impericia do machinista que dirigia o rapido procedente de Marselha. Ignora-se o numero das victimas.



A locomotiva no meio das carruagens destruidas pelo incendio

